

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

# FILOSOFIA

### TECNOFOBIA E TECNOFILIA: A CONTRIBUIÇÃO DE HANS JONAS NA DISCUSSÃO SOBRE A TÉCNICA

<sup>1</sup>Glauber D' Lambert Vilar Pereira (IC/ UNIRIO); <sup>2</sup>Rodrigo Ribeiro Alves Neto (Orientador)

1 - Faculdade de Filosofia; Centro de Ciências Humanas e Sociais; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio financeiro: Departamento de Pesquisa/UNIRIO.

Palavras-chave: Jonas; tecnofobia; tecnofilia.

#### INTRODUÇÃO

O entusiasmo com a tecnologia surgiu com o advento da modernidade e o desenvolvimento da técnica moderna. Nesse período tem início a caminhada do homem moderno em busca da emancipação da natureza. Existia um extremo otimismo no sucesso dessa missão e a fé de que a razão humana pudesse resolver qualquer dificuldade surgida no seio do seu desenvolvimento. O homem rompe com qualquer forma de aceitação de compreensão do mundo que não fosse baseada na sua própria razão, caem por terra os mitos, a fé como reveladora da verdade e o uso pragmático da razão ganha força. Contagiados pelo otimismo e ideias de pensadores como Leibniz, Bacon, Marx e Engels, o homem é catapultado a favor da causa utópica da emancipação e toda a sociedade converge para a sua realização. Nesse período temos o desenvolvimento acelerado do fazer técnico e com ele a industrialização dos modos de produção, o surgimento do capitalismo e do liberalismo econômico. Mesmo nesta esfera de otimismo, o que se pôde perceber não muito tempo depois foi certa preocupação com o desenvolvimento da técnica e uma sensação de fracasso devido à forma como o âmbito político-social se apossou do livre exercício da ciência e do fazer técnico nos desviando do seu projeto condutor. No contexto dessa experiência negativa vai se configurando a crítica da técnica, que num primeiro momento identificou como causa da miséria, fome, desemprego e todos os problemas sociais decorrentes do processo de industrialização como um problema econômico. Em resumo, pensadores como Marx davam todo o crédito para o desenvolvimento técnico como ferramenta fundamental do desenvolvimento humano. Assim, durante o século XIX, todos compartilhavam do mesmo otimismo e acreditavam nos efeitos benéficos da técnica moderna. Porém, o mundo moderno e o desenvolvimento massivo e acelerado da tecnologia e do fazer técnico do homem nos traz uma série de novas questões e um cenário que até então jamais havíamos nos deparado. A partir do século XX, o homem moderno passou a desconfiar do otimismo científico-tecnológico do século anterior em virtude de vários acontecimentos que promoveram uma verdadeira "tecnofobia". As grandes guerras mundiais acendem o sinal amarelo e põem em cheque o potencial exclusivamente bom e progressista da técnica. O potencial bélico destrutivo desses eventos traz de vez o medo à tona. Neste período o extermínio de milhares de seres humanos e a utilização da bomba atômica expõem de vez a dualidade sensível existente entre o otimismo do desenvolvimento técnico como salvador da humanidade e o medo do seu poder destrutivo. O que era, então, uma suspeita torna-se concreto e arrasta-se por anos de Guerra Fria, num embate tenso entre superpotências tecnologicamente desenvolvidas. Em meio a essa discussão surgem duas vertentes que foram delineadas no decorrer deste trajeto: a tecnofilia e a tecnofobia. Os tecnófilos, ou seja, aqueles que descendem dos ideais iluministas e baconiano, acreditam que o desenvolvimento da técnica é o caminho para o progresso da humanidade. Essa vertente ganha força na modernidade amparada pelo maravilhamento técnico da população desinformada, pelo modo de vida capitalista e pelo apoio da mídia que colabora para a criação de uma cibercultura. A corrente classificada como tecnofóbica em geral abrange pensadores, filósofos e humanistas que descendem da tradição clássica da metafísica ocidental e religiosos. Os tecnofóbicos veem problemas na argumentação tecnófila e tem de uma forma ou de outra resistência à utilização, desenvolvimento e aperfeiçoamento do aparato técnico. Muitos dos críticos da técnica foram classificados como tecnofóbicos, entre eles o filósofo alemão Hans Jonas, no qual concentramos essa pesquisa com o objetivo de buscar entender a sua contribuição para a discussão sobre a técnica.

#### OBJETIVO

A pesquisa tem como ponto de partida a tentativa de compreensão, através da leitura de diversos autores, da discussão sobre a técnica moderna, confrontando os pontos de vista dos ditos tecnófilos e tecnofóbicos. Buscou-se conhecer essas vertentes existentes na discussão. Por um lado, o ponto de vista dos tecnófilos e suas ramificações de pensamento, que defendem desde a completa dominação da técnica a fusão entre homens e máquinas como salto evolutivo, apoiado por uma cibercultura que se desenvolve baseada no maravilhamento técnico da população desinformada. Por outro lado, trata-se de entender também a crítica dos chamados tecnofóbicos sobre a utopia moderna que ignora os efeitos danosos da dependência técnica, ressaltando os pontos de discordância dos tecnófilos em relação aos tecnofóbicos. Escolhemos o ensaio "Por que a técnica é um objeto para a ética" e os primeiros capítulos de "O princípio da responsabilidade", ambos de Hans Jonas, para realizar uma análise mais profunda dos argumentos do autor, tendo em vista superar a estigma de "tecnofobia" que sua obra possui nesse debate. Objetivamos entender como o termo "tecnofóbico", ao qual Jonas é costumeiramente associado, tem uma conotação pejorativa, o que quase sempre deixa o pensador à margem do debate, e como a obra de Jonas foi simplificada em diversas interpretações, sobretudo de ecologistas, desviando-o do verdadeiro foco. Neste ponto, buscamos entender o sentido do conceito da "heurística do medo" defendida por Jonas e criticada por Gerard Lebrun no ensaio Sobre a tecnofobia e Lecourt no livro "Humano pós-Humano". Em um último movimento na pesquisa buscamos avaliar a contribuição de Jonas para o debate sobre a técnica a partir do panorama feito por Bruseke no artigo A crítica da técnica moderna.

## 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

### METODOLOGIA

Em se tratando de um estudo histórico-conceitual, a pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamento bibliográfico, revisão crítica e fichamentos não só das fontes mais imediatamente relevantes sobre o tema, mas também da bibliografia secundária pertinente aos objetivos da investigação, a fim de enriquecer o estudo através do diálogo com os trabalhos já existentes sobre o problema. Tal orientação metodológica aprimorou a capacidade de análise crítica de textos e contextos histórico-conceituais, a colocação de problemas, a compreensão de posições filosóficas, a apropriação discursiva e a síntese conceitual dos aspectos essenciais de cada texto, situando-os no propósito da pesquisa. Um estudo mais detido foi realizado sobre importantes textos de Hans Jonas (o artigo “Por que a técnica é um objeto para a ética” e os primeiros capítulos da obra “O Princípio Responsabilidade – Ensaio de uma Ética para a Civilização Tecnológica”). Foram analisados como o apoio bibliográfico complementar os seguintes textos: “Sobre a tecnofobia” de Gérard Lebrun, “Tecnofobias e tecnofilias” de Gilbert Hottois, “O futuro segundo os tecnoprofetistas” de Dominique Lecourt, “A crítica da técnica moderna” de Franz Josef Bruseke, “De la tecnología a la ética: experiencias del siglo veinte, posibilidades del siglo veintiuno” de Carl Mitcham e a entrevista “A heurística do temor e o despertar da responsabilidade”, concedida pelo professor Jelson Roberto de Oliveira.

### RESULTADOS

O estudo dos textos de Hottois, Lecourt, Bruseke, Mitcham e Lebrun permitiu avaliar de que modo é sempre na ambivalência entre redenção e danação que está situado o debate sobre a modernidade tecnocientífica em nosso tempo. Esse debate revela o quanto os avanços da tecnologia aliada à emancipação e ao esclarecimento da razão culminaram em nossos dias na exposição da vida humana a toda sorte de riscos incontroláveis e perigos imprevisíveis. Com base na leitura dos textos de Hans Jonas, foi possível constatar que, para este autor, a postura do homem em relação à natureza mudou profundamente na modernidade, visto que, por mais engenhosa que fosse qualquer intervenção humana na antiguidade, suas ações não eram suficientes para alterar o estado natural das coisas. Hoje vemos o contrário, a técnica humana põe em risco não só a própria existência do homem tal como nos foi dada, mas a vida de todas as outras espécies, o mundo em que vivemos e até a existência das gerações futuras. O homem moderno tornou vulnerável o que era antes imutável através da extensão de seu poder adquirido pelo desenvolvimento tecnológico. Jonas argumenta como a técnica moderna, ao desenvolver-se, inaugura esse novo cenário e passa a ser um objeto para a ética, pois somente uma ética baseada no temor, no olhar atento para o futuro e nos possíveis efeitos negativos decorrentes da utilização da técnica pode assegurar a vida do homem na terra. Alguns fatores são fundamentais para o autor para que consideremos uma ética de tal forma, a saber: o efeito ambíguo de toda técnica (ao mesmo tempo em que é utilizada para fins benéficos, toda técnica tem um potencial destruidor ou um efeito contrário que deve ser considerado); a utilização compulsória da técnica (o sucesso da utilização da técnica é bem mais problemática do que a falha, porque nos tornamos dependentes desses recursos tecnológicos, o que agrava os maus efeitos de sua utilização) e, enfim, os efeitos para além do espaço e do tempo (eis uma característica totalmente nova em relação à técnica clássica, pois os efeitos se expandem por todo globo e podem perdurar por décadas ou até mais). Assim cresce, à medida que aumenta seu poder, a responsabilidade do homem para com o mundo e as coisas do mundo à sua volta. Se para o homem moderno for um imperativo ético manter e preservar as condições para a sua existência na terra, devemos nos educar no que Jonas chama de “Heurística do medo”. Lebrun considera que esse medo indefinido de Jonas com relação às invenções tecnológicas poderia disseminar uma tendência a impedir ou a neutralizar toda inovação em favor da arbitrária abstenção do progresso e uma domesticação dos avanços inantecipáveis que poderiam advir, cujas consequências “selvagens” ou indesejáveis para a humanidade são a longo prazo imprevisíveis. A autolimitação imperativa do poderio técnico seria, para Lebrun, não um remédio, mas um veneno tecnofóbico. Ponto polêmico na obra jonasiana, essa heurística do medo foi quase sempre mal interpretada, pois o que Jonas defende com esse temor não é medo do futuro, mas um antídoto sobre as utopias que são cada vez mais fruto da nossa sociedade. Não se trata de temor à técnica, mas de ter consciência dos efeitos que o mau uso da técnica pode causar. Trata-se de não ser ludibriado pelo utopismo que é pregado pela mídia, pelo meio científico e pela sociedade. O freio que propõe Jonas não é à técnica ou ao desenvolvimento tecnológico, até porque somos levados a crer que nada mais pode detê-la se observarmos com atenção os caminhos que toma a nossa sociedade, mas sim um freio à euforia generalizada que tomou conta de todos e faz com que ignoremos os impactos cada vez mais notórios no mundo à nossa volta. Não devemos impedir a técnica ou temê-la, mas sim entendê-la ou aprendê-la verdadeiramente ao ponto que o homem tenha ciência dos efeitos decorrentes de seus atos. Trata-se de crescer e desenvolver-se habitualmente neste sentido de praticar a parcela de responsabilidade do indivíduo sobre seus próprios hábitos e sobre o legado para as próximas gerações, para os outros seres do meio em que vive e para o próprio meio em si, que segundo Jonas cada vez mais clama em um grito surdo por um lugar dentro da ética. O que Jonas pede é uma tomada de consciência sobre tudo que se passa com o uso da técnica moderna. Um apelo para que deixemos de ser tão egoístas e para que passemos a considerar que talvez haja algo mais digno de valor do que o bem estar humano, do que o indivíduo, que foi levado às alturas com o iluminismo.

### CONCLUSÃO

Embora quase sempre mal interpretado, Hans Jonas é um marco no pensamento ético contemporâneo e na discussão sobre a técnica, pois o autor foi um dos pioneiros a perceber o novo cenário que se configurava com o desenvolvimento da tecnologia e suas implicações na nossa sociedade. Jonas foi responsável por contribuir no amadurecimento do conceito de responsabilidade ainda pouco explorado na filosofia. E mostrar que a dimensão dos nossos poderes está para além da capacidade da ética clássica. O nosso novo objeto ético, o mundo inteiro, exige muito mais do que a simples relação entre homens. O que o autor defende é bem mais profundo do que a forma como geralmente é lido e interpretado. Ele alerta para nossa ignorância frente ao tamanho do problema que podemos ter que vir a enfrentar caso não tomemos nenhuma providência e a pensar os rumos que queremos tomar frente a uma tecnologia que vem cada vez mais assumindo o controle e nos tornando objetos dela própria. A ética jonasiana abre uma visão na discussão da técnica que até então não havia sido avaliada, a visão dos efeitos futuros de nossas ações e não somente o impacto político, econômico e social imediato. A obra filosófica de Hans Jonas representa, na contemporaneidade, um dos mais notáveis esforços

### 13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

teóricos para se colocar à altura do desafio que consiste em instaurar, com base em seu princípio responsabilidade, um projeto de ética para a civilização tecnológica, radicalmente distinto dos sistemas éticos tradicionalmente herdados da história da metafísica.

#### REFERÊNCIAS

- JONAS, H. Porque a técnica moderna é um objeto para a ética. In: *Natureza Humana, Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*, v.1, n.2, São Paulo: EDUC, 1999; pp. 407-422.
- \_\_\_\_\_. "O Princípio Responsabilidade – Ensaio de uma Ética para a Civilização Tecnológica / Hans Jonas. Tradução Marijane Lisboa, Luiz Barros Montes – Rio de Janeiro: Contraponto. Ed. PUC-RIO, 2006.
- LEBRUN, Gérard. Sobre a Tecnofobia. In: NOVAES, Adauto (Org.). "A Crise da Razão". São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LECOURT, Dominique. Humano Pós-Humano: a técnica e a vida. São Paulo: Loyola, 2005.
- HOTTOIS, Gilbert. Tecnofobias e Tecnofilias. In: *Do Renascimento à Pós- Modernidade: Filosofia da técnica e das tecnociências*. Tradução Ivo Storniolo. Ideias Letras.
- OLIVEIRA, Jelson Roberto. A Heurística do temor e o despertar da responsabilidade. In: *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. Ed 371. São Leopoldo, Agosto 2011.
- VARGAS LLOSA, Mario. Breve discurso sobre a Cultura. In: *Acivilização do espetáculo: Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Tradução Ivone Benedetti. 1 ed – Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- MITCHAM, Carl. De la Tecnología a la ética: Experiencias del siglo veinte, posibilidades del siglo veinteuno. In: *Revista CTS*, nº5, Vol. 2, Junio de 2005. Pág. 167-176.
- BRUSEKE, Josef Franz. A crítica da técnica Moderna. In: *Estudos Sociedade e Agricultura*. Págs 5-55. 1998.
- VIANNA, Wellistony C. Hans Jonas e seus críticos. In: *Aufklärung: Revista de Filosofia*. ISSN 2318-9428, Vol 1, Abril de 2014, págs 59-86. <http://periódicos.ufpb.br/ojs/index.php/arf>.